

3

Ouvindo a voz do intérprete: o profissional em interação

3.1 Teoria e Conceitos

No segundo capítulo, vimos algumas das possíveis maneiras de investigar a tradução e a interpretação, além dos sinergias e conflitos que vêm sendo gerados. Na primeira parte deste capítulo, apresento as teorias que servirão para embasar a análise dos dados levantados em entrevistas com intérpretes, que visam determinar como o intérprete age no seu ambiente de trabalho e como essa atuação se orienta e se restringe pelo contato com os outros atores e estruturas presentes nesse mesmo ambiente. A abordagem teórica empregada se inspirou no trabalho de Moira Inghilleri, socióloga e pesquisadora em interpretação, que investiga essa atividade no contexto de entrevistas mediadas por intérpretes durante processos de pedido de asilo, no Reino Unido (Inghilleri 2003). Mesmo que o contexto britânico não tenha muito a ver com a interpretação simultânea praticada no Rio de Janeiro, o que importa aqui é o enfoque: o interesse pelo plano individual em relação ao do grupo, os atores interagindo com as estruturas sociais. As motivações do presente trabalho são consoantes com aquelas expostas pela pesquisadora no Reino Unido:

Esta abordagem, dentro da qual localizo minha própria pesquisa, vê a atividade de interpretação – como qualquer atividade sociolingüística – como uma forma de ação social e de organização social. Vê *toda* atividade de interpretação como sendo localizada dentro de sistemas de crenças e valores distintos, que operam com determinadas práticas comunicativas e as legitimizam. Sugere que os modos pelos quais os intérpretes trabalham ... são influenciados pelos contextos sociais e políticos nos quais tanto o trabalho como a formação que possa informar sua prática profissional ocorrem. Afirma que os intérpretes ... se inserem em conjunturas de poder e controle – tanto dentro como fora de seu campo profissional.¹ (Inghilleri 2004:73 – grifo no original).

Na formulação de sua abordagem, Inghilleri faz uma ponte para os estudos da tradução já consolidados como disciplina, ao adotar e empregar um dos conceitos mais conhecidos de Gideon Toury. Como já vimos, Toury foi responsável por conceber uma maneira inédita de investigar a tradução, que

¹ “This approach, in which I would locate my own research, views interpreting activity – like all sociolinguistic activity – as both a form of social action and social organisation. It views *all* interpreting activity as located within distinctive belief and value systems which both operate on and legitimise particular communicative practices. It suggests that the ways in which interpreters work ... are influenced by the social and political contexts in which both their work and the training that may inform their professional practice occurs. It maintains that interpreters ... are caught up in larger social configurations of power and control – both internal and external to their professional field of practice.”

chamou de *Descriptive Translation Studies* (DTS), ou Estudos Descritivos da Tradução. O conceito de interesse para o presente estudo é o de norma tradutória, desenvolvido como uma primeira tentativa de teorizar a respeito das regularidades encontradas em textos traduzidos. Esse conceito servirá como uma primeira base para a análise dos dados. O outro elemento da abordagem de Inghilleri que empregarei vem do campo da sociologia, na forma de alguns dos conceitos centrais propostos pelo sociólogo francês Pierre Bourdieu, que Inghilleri aplica ao contexto de interpretação. Segundo ela, os estudiosos da tradução e interpretação vêm se interessando cada vez mais por Bourdieu, na medida em que cresce a percepção da importância da *pessoa* do tradutor/intérprete: “os conceitos de Bourdieu ... trouxeram uma contribuição valiosa e singular para a teorização da interação entre agentes e estruturas”. E mais, essa nova visão da interpretação/tradução “tem incentivado o foco na localização e reconhecimento dos estudos da tradução e da interpretação dentro de disciplinas e departamentos acadêmicos”² (2005:126). A força analítica dos conceitos de *habitus* e campo será um aliado na interpretação dos dados coletados, fruto de entrevistas orientadas para identificar comportamentos e atitudes individuais situados num determinado contexto de interpretação.

3.1.1 O conceito de norma e as normas tradutórias de Gideon Toury

Como pretendo espelhar a abordagem de Inghilleri, vou me restringir ao conceito específico de “norma tradutória” cunhado por Gideon Toury, mas considero necessário antes falar um pouco do conceito geral de norma, um termo bastante difundido nas ciências sociais. Segundo a explicação de Toury (1995:53-55), as normas têm a função de traduzir valores ou idéias gerais compartilhados por uma dada comunidade em instruções de comportamento. Tais instruções incluem as ações que são prescritas e proibidas, toleradas e permitidas, em determinadas circunstâncias. Normas também implicam sanções, tanto reais como potenciais, tanto negativas como positivas. Elas desempenham um papel central no estabelecimento e manutenção da ordem social: embora a não-adesão a uma norma não a invalide, qualquer comportamento desviante tem seu preço. Quando

² “Bourdieu’s concepts ... have made a valuable and unique contribution to the theorization of the interaction between agency and structure” ... [vision] “has stimulated a focus on the location of and recognition given to translation and interpreting studies within academic disciplines and departments”.

as normas são formuladas explicitamente, isso tende a mostrar que as pessoas que as formularam têm consciência da sua existência, que essas normas são importantes para a comunidade, e que há interesses em jogo, sobretudo aquele de controlar o comportamento dos membros da comunidade (ou seja, as normas são formuladas para *ditar* comportamentos). Uma conclusão que Toury tira desse fenômeno é que “as formulações normativas tendem a ter um viés e sempre precisam ser tratadas com cautela” (ibid:55). Essa advertência será levada em consideração no próximo capítulo, quando investigarei os códigos de ética adotados pela profissão de interpretação de conferências.

A definição de norma de Theo Hermans é ainda mais sucinta:

O termo “norma” se refere tanto a uma regularidade de comportamento, i.e. um padrão recorrente, como ao mecanismo subjacente que explica essa regularidade. O mecanismo é uma entidade psicológica e social. Faz a mediação entre o indivíduo e o coletivo, entre as intenções, escolhas e ações do indivíduo e as crenças, valores e preferências coletivos. As normas influenciam a interação entre pessoas, especialmente o grau de coordenação necessária para a coexistência continuada, mais ou menos harmoniosa, com outras pessoas do grupo ... As normas contribuem para a estabilidade das relações interpessoais por reduzirem a incerteza. Tornam o comportamento mais previsível através da generalização de experiências passadas e a projeção para o futuro de tipos de situações parecidas. Elas têm uma função reguladora social.³ (Hermans 1999:80)

As normas, então, não podem ser enxergadas apenas como restrições coercivas com possíveis sanções acopladas; também oferecem modelos de comportamento que podem ser adotados consciente ou inconscientemente, ajudando os agentes de determinado grupo social a coordenarem seus atos de forma coerente.

No presente estudo, usarei a palavra “restrição” para me referir às forças identificadas na pesquisa que influenciam a atuação dos intérpretes. Restrições podem, naturalmente, ser sentidas como forças negativas (o cliente que não atende aos pedidos do intérprete, por exemplo), mas, como Hermans ressalta, também podem servir para balizar comportamentos, limitando as opções disponíveis e indicando aos agentes de determinada comunidade qual o modo adequado de agir.

³ “The term ‘norm’ refers to both a regularity in behaviour, i.e. a recurring pattern, and to the underlying mechanism which accounts for this regularity. The mechanism is a psychological and social entity. It mediates between the individual and the collective, between the individual’s intentions, choices and actions, and collectively held beliefs, values and preferences. Norms bear on the interaction between people, more especially on the degree of coordination required for the continued, more or less harmonious coexistence with others in a group...Norms contribute to the stability of interpersonal relations by reducing uncertainty. They make behaviour more predictable by generalizing from past experience and making projections concerning similar types of situation in the future. They have a socially regulatory function.”

A premissa é que tradução e interpretação são ações comunicativas, e assim sendo, constituem formas de comportamento social (ibid:80).

Para o caso específico da tradução, Toury concebeu três categorias de normas tradutórias, que seriam responsáveis pelas regularidades encontradas na prática tradutória. Segundo ele, dada a função de toda tradução de criar um elo entre dois sistemas de normas diferentes – da língua/cultura do texto fonte e da língua/cultura da tradução –, o tradutor (e intérprete) precisa escolher o sistema que vai privilegiar quando realizar sua tradução. Toury explica: “enquanto a adesão às normas fonte determina a **adequação** da tradução para com o texto fonte, o cumprimento das normas oriundas da cultura meta determina sua **aceitabilidade**” (1995:56-7 – grifos no original). A essa tendência, que subjaz todo o texto traduzido, ele dá o nome de **norma inicial**, que representa a escolha (consciente ou não) entre duas opções, dois pontos de vista. Naturalmente, uma tradução “aceitável” (ou “aceitável para com o pólo receptor”, na terminologia de Inghilleri⁴) tenderia a ter muito mais desvios em termos lingüísticos e de conteúdo, embora nem mesmo a tradução mais “adequada” (ou “adequada para com a fonte”) seja isenta de desvios, devido à inexistência de equivalência perfeita entre sistemas lingüísticos diversos, entre outras fatores.

Os outros dois tipos de norma tradutória são as **normas preliminares** e as **normas operacionais**. As primeiras informam as políticas de tradução (a seleção dos textos a serem traduzidos) e o grau de aceitação de traduções produzidas a partir de outras traduções. Hermans (1999), em uma breve visão geral do tema, acrescenta outro fator que poderia ser considerado como norma preliminar: se o tradutor traduz apenas para a sua língua nativa ou se pode traduzir para outras línguas. Essa consideração é bastante relevante no contexto de interpretação, que tem uma classificação estrita de línguas e regras codificadas sobre seu uso.

As normas operacionais, por sua vez, se dividem em normas matriciais e normas textuais e lingüísticas. As primeiras dizem respeito à existência ou não no texto traduzido de todo o material presente no texto fonte, e as últimas regulam os aspectos textuais e lingüísticos, sendo que as normas que regulam a produção de *textos* na cultura meta não são necessariamente iguais àquelas que regulam a produção de *traduções* na mesma cultura.

⁴ Inghilleri adota os termos “source adequacy” e “target acceptability”, assim evitando as possíveis confusões causadas pelos termos de Toury (mais sobre isso em Hermans, 1999:76).

Segundo Toury, as normas tradutórias em si não são diretamente observáveis, pois são internalizadas, muitas vezes de forma inconsciente. Portanto, são as manifestações ou produtos das normas que se pode investigar. Há duas fontes de informações que servem para reconstituir as normas tradutórias: as fontes textuais (os textos em si) e as fontes extra-textuais (por exemplo, formulações semi-teóricas ou críticas, declarações de tradutores, resenhas de traduções, etc.)⁵. Os textos seriam os produtos primários das normas, enquanto as fontes extra-textuais seriam produtos derivados, e como tal, precisariam ser analisadas com cuidado; não se pode presumir que um comentário ou opinião sobre uma tradução tenha uma relação direta com o próprio texto traduzido, mesmo que o comentário tenha sido feito pelo próprio tradutor.

3.1.2 *Habitus* e campo: o jogo social de Pierre Bourdieu

O outro elemento que sustentará a análise dos dados vem da obra do sociólogo francês, Pierre Bourdieu. Naturalmente, não faz parte do escopo do presente trabalho elaborar em detalhes suas teorias desenvolvidas durante anos de produção de críticas das estruturas políticas e sociais da vida e, sim, apropriar-se de determinados conceitos para dar sentido aos dados coletados. Nos estudos da tradução e interpretação, a figura que sobressai pela aplicação da obra de Bourdieu para essas práticas é Moira Inghilleri, e é a ponte já esboçada por ela que seguirei para interagir com os pensamentos do sociólogo. Ressalto que o apelo do enfoque teórico escolhido é a possibilidade que este oferece de apreender, de forma expressiva, as ações e estratégias individuais dos intérpretes dentro de conjunturas sociais.

Bourdieu concebe o espaço social a partir de dois pontos de vista interdependentes: do individual e do estrutural. O conceito de **campo** representa a estrutura objetivada. Campos são áreas socialmente determinadas, estruturas sociais relativamente independentes, tais como: campo acadêmico, campo político, campo religioso, campo literário, etc. Cada campo tem uma dinâmica constituída pelas ações dos indivíduos dentro do mesmo, que são detentores de diferentes graus de conhecimento e poder, e que interagem numa luta, ou “jogo”, para ganhar mais capital dentro daquele campo.

⁵ Ver Toury 1995:65 para uma lista mais completa de fontes extra-textuais.

Os mesmos agentes são dotados de um *habitus*, um atributo individual, o produto da história pessoal, do trajeto social do indivíduo, que Bourdieu define como

um sistema de disposições duráveis e transponíveis que, integrando todas as experiências passadas, funciona a cada momento como uma matriz de percepções, de apreciações e de ações – e torna possível a realização de tarefas infinitamente diferenciadas, graças às transferências analógicas de esquemas (Bourdieu 1983, apud Setton 2002).

Habitus é uma faceta literalmente “incorporada” na pessoa, que possibilita que o agente aja e se sinta “em casa” no mundo, e que baliza suas ações sem que ele tenha consciência disso. Entretanto, embora seja produto de uma história individual, o *habitus* não é destino, e sim, um sistema “incessantemente confrontado por experiências novas e, assim, incessantemente afetado por elas” (Bourdieu 1992, apud Setton 2002).

Os *habitus* também são compartilhados pelo grupo, no sentido em que são manifestos e constituídos em campos específicos:

são princípios geradores de práticas distintas e distintivas – o que o operário come, e sobretudo sua maneira de comer, o esporte que pratica e sua maneira de praticá-lo ... diferem sistematicamente do consumo ou das atividades correspondentes do empresário industrial; mas são também esquemas classificatórios, princípios de classificação, princípios de visão e de divisão e gostos diferentes. (Bourdieu 1994:22)

Existe, portanto, uma relação de mão dupla entre o *habitus* individual e a estrutura de um campo socialmente determinado. “[A]s ações, comportamentos, escolhas ou aspirações individuais ... [são] produtos da relação entre um *habitus* e as pressões e estímulos de uma conjuntura” (Setton 2002).

Em seu trabalho, Inghilleri levanta a questão de se a tradução (ou interpretação) pode ser considerada como constituindo um campo, no sentido dado por Bourdieu. Ela cita Simeoni, que defende que o tradutor faz uso de um *habitus* social, e não de um *habitus* específico da profissão, chegando à conclusão de que a tradução não constitui um campo e, sim, um “pseudo-campo” (Simeoni 1998, apud Inghilleri 2003:245). Uma leitura mais detalhada de Bourdieu revela que os diversos campos detêm diferentes graus de autonomia dos “campos englobantes”, cujas necessidades são “do lucro, econômico ou político” (Bourdieu 1992:246). Tratando do campo literário, afirma que “o grau de autonomia de um campo de produção cultural revela-se no grau de que o princípio de hierarquização externa aí está subordinado ao princípio de hierarquização interna”

(ibid) e que isso “varia consideravelmente segundo as épocas e segundo as tradições nacionais” (ibid:250). Segundo Bourdieu:

O estado da relação de forças nessa luta depende da autonomia de que dispõe *globalmente* o campo, ou seja, do grau em que suas normas e suas sanções conseguem impor-se ao conjunto dos produtores de bens culturais e àqueles mesmo que, ocupando a posição temporalmente (e temporariamente) dominante no campo de produção cultural ... são os mais próximos dos ocupantes da posição homóloga no campo do poder, portanto, os mais sensíveis às solicitações externas e os mais heterônomos (ibid:246, grifo no original).

Tendo em vista o esforço que a tradução e interpretação vêm demonstrando para se articular – tanto profissional como academicamente – e a ainda limitada capacidade de seus agentes de impor “suas normas e suas sanções” diante do “campo do poder”⁶, eu proponho, diferentemente de Simeoni, que essas áreas não constituem um pseudo-campo, mas um campo ou sub-campo em formação. Entretanto, serão os depoimentos dos entrevistados, a serem apresentados em seguida, que sustentarão ou não essa afirmação.

3.2 Aplicando os conceitos para a interpretação: a metodologia

Como já foi descrito no início do presente trabalho, meu objetivo em embarcar neste estudo foi determinar as fontes e naturezas das restrições que exercem influência na atuação do intérprete. Como moro e trabalho no Rio de Janeiro, meu campo de pesquisa se limitou ao universo de intérpretes que trabalham nessa cidade. Nesta seção, descrevo em mais detalhes o contexto e conteúdo da pesquisa.

3.2.1 O mercado de interpretação na cidade do Rio de Janeiro

Conforme já mencionado, a profissão de interpretação não é regulada e apenas uma parcela das pessoas que exercem a atividade tem formação e/ou é filiada a alguma entidade de classe (sindicato ou associação). Entretanto, como o foco da minha pesquisa se restringe, basicamente, a eventos com interpretação simultânea, fica menos difícil identificar os atores, pois é muito menos provável que uma pessoa sem formação venha a trabalhar em cabine do que com interpretação consecutiva ou alguma outra modalidade. Aliado a isso, a necessidade de se trabalhar em duplas praticamente impossibilita que alguém exerça a atividade sem que passe a ser conhecido por outros intérpretes da cidade (cujo mercado não é grande).

⁶ Ver Bourdieu 1994:51-52 para mais sobre o conceito do “campo do poder”.

Tendo isso em mente, considere que a melhor prática para estimar o tamanho do mercado seria pedir as opiniões de três pessoas-chaves desse meio: um membro do conselho da Associação Internacional de Intérpretes de Conferência (AIIC), Região Brasil, uma professora do principal curso de formação de intérpretes do Rio de Janeiro e uma das sócias de um grande escritório de interpretação na cidade. As três estimativas que me forneceram do número de intérpretes atuando no mercado carioca foram de 50, 80 e 80 pessoas, embora nem todas trabalhariam regularmente. Portanto, acredito que seja razoável tomar 70 como um número plausível. Os intérpretes são todos autônomos (*freelancers*), e a maioria tem outra(s) fonte(s) de renda. É de conhecimento geral que a cidade do Rio de Janeiro é a sede de mais conferências e cursos de duração de mais de um dia do que todas as outras localidades do Brasil, mas o mercado é relativamente pequeno, o que impossibilita que os intérpretes se especializem em áreas ou assuntos específicos.

3.2.2 Caracterização dos intérpretes entrevistados

Entrevistei nove intérpretes que trabalham no Rio de Janeiro (representando aproximadamente 13% do total). São uma mistura de profissionais mais novos e outros com muitos anos de experiência; quatro também atuam como intérpretes coordenadores⁷. Oito dos nove fizeram cursos de formação de intérpretes, e quatro têm uma formação de pós-graduação na área de tradução e/ou interpretação. Oito dos nove têm português como língua A⁸, e oito têm inglês como língua ativa ou passiva; seis têm espanhol como língua ativa ou passiva; três têm francês ativo (sendo um como língua A) e um tem italiano como língua ativa. Essa combinação de línguas de trabalho é bastante representativa do mercado carioca.

⁷ Intérpretes coordenadores são os intérpretes que chefiam as equipes, fazendo o intercâmbio entre os clientes / organizadores do evento e os outros intérpretes. Suas tarefas incluem: o envio de propostas; a negociação dos honorários e dos termos de contratação; a requisição de material dos oradores para os intérpretes; o fornecimento de um glossário e/ou referências para pesquisa; a certificação das informações logísticas e administrativas, etc.. Muitas vezes, o intérprete coordenador também trabalha como intérprete no evento que organiza, mas isso não é uma regra. Os intérpretes coordenadores dos grandes escritórios de interpretação são auxiliados por uma secretária, que é a pessoa de contato dos intérpretes que irão trabalhar no evento.

⁸ A classificação de línguas estabelecida pela AIIC, e reconhecida internacionalmente, divide as línguas de trabalho em línguas ativas (A e B) e passivas (C). Língua A é a língua materna do intérprete, ou outra língua absolutamente equivalente à língua materna, para a qual o intérprete trabalha a partir de todas as outras línguas de trabalho, em ambos os modos de interpretação, simultânea e consecutiva. Língua B, embora não seja a língua materna, é uma língua que o intérprete domina totalmente, para a qual ele trabalha a partir de uma ou mais de suas línguas. Língua C é uma língua a partir da qual o intérprete trabalha e da qual tem uma perfeita compreensão.

3.2.3 Descrição das entrevistas

As entrevistas foram conduzidas pessoalmente e levaram entre uma e duas horas cada. Anotei os comentários, os redigi posteriormente e os enviei para os informantes. Em seguida, eles retornaram os documentos com alterações e acréscimos, criando assim um espécie de depoimento. Durante a tabulação dos dados, encontrei várias lacunas e contactei todos os entrevistados mais uma vez para fazer perguntas específicas, cujas respostas serviram para complementar os depoimentos individuais.

As entrevistas não seguiram um formato estruturado, motivo pelo qual não há um roteiro ou questionário anexado. Procurei deixar os intérpretes à vontade para falar sobre os vários tópicos, sem muita interrupção. Minha interferência sobre o conteúdo limitou-se a garantir que fossem abordados os quatro tópicos macro, que descrevo a seguir.

(i) Evento Ideal

Dei carta branca aos informantes para imaginarem um evento ideal. Eles poderiam imaginar onde seria, que tipo de evento seria, como seriam as condições físicas e logísticas, e como seriam todas as outras pessoas envolvidas: os colegas intérpretes, os organizadores, os técnicos, os intérpretes coordenadores, os oradores. Pretendi, com isso, estabelecer um “ideal” com a finalidade de compará-lo com o “real”.

(ii) Restrições

Pedi aos informantes que pensassem em todas os fatores que impedem que trabalhem do jeito que gostariam. Pretendi, com isso, identificar quais fatores incomodam mais os intérpretes.

(iii) Escolhas tradutórias

Solicitei aos informantes que explicassem como se preparam, em termos de vocabulário e terminologia, antes do evento, e se/como as traduções encontradas antes do evento se alteram durante o evento. Pretendi, com isso, identificar os agentes e fatores que influenciam as escolhas tradutórias dos intérpretes.

(iv) Crenças sobre interpretação

Pedi aos entrevistados que explicassem sua “filosofia” de interpretação: como gostam de trabalhar. Perguntei, especificamente, se procuram produzir uma tradução mais “fiel” para com a fala do orador, ou se pensam mais na recepção

pelo público. Não impus um conceito de fidelidade; cada entrevistado poderia atribuir ao adjetivo “fiel” a definição que considerasse apropriada.

Depois de receber todos os depoimentos, extraí os dados quantificáveis sobre cada assunto e os lancei em planilhas do programa Excel, do pacote Office da Microsoft Windows, para encontrar as semelhanças entre as opiniões e experiências expressadas. Foi nesse estágio que detectei as lacunas nas respostas e procurei os informantes para poder complementar os dados. Os primeiros três tópicos geraram, sobretudo, dados quantificáveis, enquanto o quarto tópico gerou respostas bastante variadas, que foram analisadas qualitativamente.

3.2.4 Vantagens e desvantagens da metodologia

As vantagens dessa metodologia, comparada, por exemplo, com o envio de questionários por e-mail, foram várias. Primeiro, questionários eletrônicos tendem a obter um retorno relativamente baixo, e a qualidade das respostas varia muito (algumas pessoas escrevem muito, outras, quase nada). Com as entrevistas, eu pude intervir para orientar o informante, mas tomando o cuidado de não estruturar muito a fala (evitei criar uma dinâmica de perguntas e respostas). Procurei deixar as idéias fluírem, com a esperança de que uma coisa levasse a outra, criando uma espécie de “efeito dominó” de memórias. De um modo geral, senti que isso acontecia, principalmente com a primeira pergunta (o evento ideal), e a última (crenças sobre interpretação).

As desvantagens da metodologia foram que, dado o tamanho relativamente grande de cada entrevista, ficou limitada a quantidade de intérpretes que eu poderia incluir (a transcrição das anotações foi muito trabalhosa). Além disso, sinto que “melhorei com a prática”. As primeiras entrevistas foram mais fracas que as últimas, tendo apresentado mais lacunas. Atribuo essa diferença ao fato de eu ter obtido mais idéias de diferentes fatores com o decorrer das entrevistas, podendo sugerir mais fatores/tópicos para os informantes que entrevistei posteriormente. Embora eu tenha procurado preencher essas lacunas com conversas posteriores com os entrevistados, houve alguns assuntos, principalmente relacionados ao quarto tópico (crenças sobre interpretação), que foram mencionados por apenas alguns dos intérpretes. A realização de uma ou duas entrevistas piloto poderia ter servido para estabelecer um roteiro exato a ser

seguido em todas as entrevistas, mas considerados os objetivos e escopo do presente estudo, esse procedimento não foi julgado necessário.

Olhando mais criticamente para cada tópico, eu diria que o tópico “evento ideal” foi aquele que os intérpretes mais gostaram de elaborar, alguns chegando a ser muito criteriosos em detalhar todos os elementos. Há fatores mencionados que representam apenas desejos (como o intérprete que estipulou que o orador teria um senso de humor), já outros são necessidades (como equipamentos que funcionam), enquanto ainda outros não poderiam ser considerados nem essenciais e nem completamente inconseqüentes (como o sotaque norte-americano do orador). Alguns informantes foram muito claros em apontar essa divisão, dizendo quais fatores eram essenciais, já outros, não. Alguns respondiam à pergunta sobre o evento ideal pensando, sobretudo, nas condições ideais que possibilitassem um trabalho adequado, enquanto outros almejavam graus mais elevados de satisfação e conforto.

A segunda pergunta, sobre os fatores restritivos, me surpreendeu ao produzir um volume menor de respostas. Entretanto, acredito que a diferença entre o volume da primeira pergunta e o da segunda represente justamente a diferença entre o essencial e o ideal. Um cruzamento dos dados da primeira e da segunda perguntas pode indicar os fatores principais que representam restrições para os intérpretes trabalhando neste mercado.

A terceira pergunta, sobre as escolhas tradutórias, produziu respostas surpreendentemente homogêneas, e aponta claramente os caminhos percorridos pelos intérpretes durante sua preparação e os fatores de influência no evento. O único ponto de interrogação é a frequência com a qual todas as etapas descritas ocorrem, tendo em vista as restrições já identificadas e de outra ordem, principalmente no que diz respeito a tempo. Levarei esses pontos em consideração no tratamento dos dados.

Para as respostas da quarta pergunta (sobre as crenças sobre interpretação), há uma ressalva básica: que aquilo que é crença não necessariamente se manifesta na prática. Sem uma análise de corpus, fica impossível saber se as pessoas que dizem interpretar de um jeito ou de outro realmente o fazem. Por outro lado, a expressão das opiniões demonstra a linguagem com a qual os intérpretes verbalizam sua atuação, e as semelhanças e diferenças nessa linguagem apontam para confluências e divergências entre o grupo de intérpretes entrevistado.

3.3 Os resultados

Nesta seção, apresento os resultados obtidos nas entrevistas com nove intérpretes atuando na cidade do Rio de Janeiro. As planilhas contendo todos os dados relativos aos primeiros três tópicos se encontram nos Apêndices 1 a 3. Os dados (comentários e opiniões) referentes ao quarto tópico foram incluídos nos resultados relativos a esse tópico (seção 3.3.4) e na análise dos dados (Capítulo 4).

3.3.1 O evento ideal

Tal como o par ideal, o evento ideal não existe, tampouco tem um único conjunto de feições que agrade a todos. Entretanto, as respostas tiveram certos fatores em comum e apontaram para preferências gerais. O primeiro desses foi o consenso total de que a interpretação seria **simultânea**. Na verdade, tive que perguntar explicitamente para alguns dos entrevistados para eliciar a modalidade, de tão habitual que ela é.

O evento ideal em si teria entre três e 15 dias de **duração** (9)⁹, sendo que seis dos intérpretes estipularam quatro ou cinco dias. Como explica um dos entrevistados: “com um evento mais longo, tenho a chance de me entrosar, conhecer o vocabulário específico ... [e] ‘entrar no assunto específico do evento’”. A **jornada** seria de seis horas (6) e os **honorários** seriam de acordo com a tabela do Sindicato Nacional dos Tradutores (SINTRA)¹⁰ (7).

O **local** do evento seria apropriado (7) para interpretação simultânea, oferecendo uma boa infraestrutura (7), inclusive bastante água e café/chá (6). A **cabine** seria ampla o suficiente (7), bem posicionada (6) e bem ventilada e/ou com uma temperatura agradável (6). O **áudio** funcionaria perfeitamente (7) e/ou os equipamentos seriam de boa qualidade (4) e o **técnico** seria competente (8) e física e mentalmente presente (6).

Não existe um **assunto** ideal, pois dos sete intérpretes que expressaram uma preferência (apenas dois disseram que o assunto não importa), todos tiveram opiniões divergentes sobre quais seriam os tópicos ideais. Quatro acreditaram que o assunto poderia afetar o desempenho (devido à experiência acumulada) e três disseram que um evento com um tema só é preferível.

⁹ Quando não incluo o número de informantes que mencionou um determinado fator no texto, o coloco entre parênteses, depois do fator mencionado. As palavras em negrito correspondem aos tópicos de cada questão abordada.

¹⁰ Os preços sugeridos pelo SINTRA podem ser acessados no url: <http://www.sintra.org.br/site/index.php?pag=valores>.

Antes do evento ideal, os intérpretes receberiam o **contrato assinado** (5). Também receberiam **material** (9) para estudar, preferencialmente duas a quatro semanas antes do evento (6). O material de mais interesse dos intérpretes são as apresentações em Microsoft Powerpoint (8) e os nomes dos palestrantes (7). Cinco dos intérpretes gostariam de desenvolver um glossário junto com seu colega de cabine antes do evento, e cinco também queriam encontrar com os oradores de antemão, ou no dia do evento ou em outro dia.

De todos os fatores mencionados, os dois que inspiraram o maior grau de exigência foram o **orador** e o **colega de cabine** ideais, que foram detalhados com um total de 27 características cada. Em média, cada intérprete entrevistado caracterizou o orador ideal com 7,6 atributos diferentes, e o colega de cabine ideal com 6,8. De todos os possíveis fatores que afetam a vida do intérprete, são os fatores humanos os mais imprevisíveis e difíceis de distinguir com precisão.

As 27 características do orador ideal se dividiram em cinco categorias: organização, qualidade da fala, velocidade, capacidade e experiência, e diversos. Sete dos intérpretes estipularam que o orador teria um raciocínio claro e/ou objetivo e linear, e que teria um sotaque padrão, não regional. Cinco também queriam que não falasse nem muito rápido nem muito devagar. Tirando esses pontos em comum, as outras características mencionadas se dividiram entre vários tópicos, com quase um terço caindo na categoria de “capacidade e experiência”. Essas incluíram exigências tais como: um orador tranquilo/não estressado, dinâmico, que saiba usar os recursos audiovisuais, que domine o assunto, etc.

O colega de cabine ideal foi caracterizado de forma mais coerente pelo grupo de intérpretes entrevistados. Os atributos se dividiram em três categorias: personalidade, capacidade profissional e comportamentos, sendo que quase metade das características estipuladas foram comportamentos ideais, e mais de 40% foram atributos de personalidade. Apenas 8,2% do total de qualidades mencionadas tiveram a ver com a capacidade profissional. A característica individual que ganhou de todas as outras foi que o colega oferece ajuda na hora certa da maneira certa (8). Seis também declararam preferir dividir a cabine com um amigo ou conhecido. Mais quatro características foram mencionadas por cinco intérpretes cada uma: que o colega seja calmo e não se estresse; que perceba quando o colega (intérprete entrevistado) precisa de ajuda; que tenha se

preparado; e que tenha desenvolvido seu glossário junto com o intérprete entrevistado.

Todos os entrevistados também descreveram as características ideais do **organizador do evento**, sendo que quatro estipularam que este teria consciência das necessidades dos intérpretes e que designaria uma pessoa para servir de contato para os intérpretes (lidar com problemas e perguntas, fornecer informações, etc.).

3.3.2 As restrições

Conforme já mencionado, a pergunta sobre as restrições que os intérpretes sentiam na profissão gerou um volume menor de respostas. Entretanto, as respostas em si demonstram um consenso maior e apontam para as questões reais que afetam a vida do intérprete.

De todos os fatores mencionados, foi consensual que a má qualidade do **som** e equipamentos representa a pior restrição. Todo mundo descreveu qualidades de áudio que dificultam ou impossibilitam o trabalho de interpretação, sendo o som chiado, com ruído ou sem limpidez a reclamação principal (9). Cinco dos intérpretes também afirmaram que a qualidade do som é a restrição principal: se não funcionar ou funcionar mal, o intérprete é impossibilitado de fazer um trabalho minimamente aceitável.

Três entrevistados indicaram outro fator como sendo o mais, ou um dos mais cruciais na vida do intérprete: o **orador**, sendo que um destes estipulou a velocidade elevada da fala como sendo o impedimento principal. O orador foi campeão, também, na quantidade de atributos individuais capazes de atrapalhar o desempenho do intérprete, com um total de 25. Cada entrevistado enumerou, em média, 6,4 características individuais do palestrante que dificultam sua atuação na cabine. As respostas se enquadraram nas mesmas categorias do evento ideal (organização, qualidade da fala, velocidade, capacidade e experiência, e diversos), só que, diferentemente, as categorias que concentraram a maior número de respostas foram as da qualidade da fala (36,2%) e da velocidade (20,7%). As duas características individuais que sobressaíram foram a velocidade elevada (8) e o sotaque forte/incompreensível do orador e/ou o palestrante que não está falando sua língua nativa (7).

O **colega de cabine** foi apontado por apenas um entrevistado como sendo o fator que mais atrapalha sua atuação profissional. Mesmo assim, o grupo de intérpretes descreveu muitos fatores envolvendo o parceiro que restringem sua atuação profissional. Foi citado um total de 24 características individuais, sendo que cada entrevistado enumerou 5,1 fatores, em média. Tal como no evento ideal, as respostas se dividiram em três categorias (personalidade, capacidade profissional e comportamentos). A grande maioria das restrições descritas pelos entrevistados disseram respeito a comportamentos indesejados, que responderam por 73,9% das respostas. A importância da capacidade profissional e/ou experiência subiu para 19,6% (comparado com 8,2% no evento ideal), e a personalidade do colega de cabine quase deixou de ser mencionada, respondendo por apenas 6,5% das respostas. Dos 16 comportamentos negativos, o mais mencionado foi o colega que oferece ajuda indesejada (por exemplo, sinônimos) (7), seguido pelo parceiro que não se concentra no evento (4), se ausentando da cabine ou fazendo alguma outra atividade (uma tradução escrita, por exemplo), e o colega que atende e/ou fala ao telefone (4). A diferença relativa do peso do colega de cabine ideal versus o colega enquanto restrição pode ser explicado pelo seguinte comentário:

Não é impossível trabalhar com um colega de cabine que tem essas características [desagradáveis], mas acabo sendo forçada a abstrair (fingir que estou sozinha). Naturalmente, isso é um recurso indesejável, e, inevitavelmente, o nível de estresse aumenta, o que prejudica meu desempenho.

O colega pode atrapalhar, mas não vai impossibilitar que o intérprete desempenhe seu trabalho.

O não recebimento de **material** antes do evento foi apontado como uma das questões logísticas que mais incomodam os intérpretes (8), principalmente quando o **assunto** é muito técnico ou difícil (5); aliás, dois dos intérpretes citaram esse conjunto de elementos como sendo um dos fatores restritivos chaves. Como um entrevistado explicou: “a falta de material não impossibilita um bom desempenho, mas quando recebo o material com antecedência e posso estudar, percebo que isso melhora bastante a qualidade da interpretação”. Entretanto, duas das intérpretes mais experientes acrescentaram que, na medida em que foram acumulando experiência, ficaram menos dependentes do material.

Outra situação citada como dificultando o desempenho foi quando o intérprete é **chamado de última hora** (4). Três dos entrevistados afirmaram que

essa é a circunstância mais complicada de enfrentar, sendo que dois a consideraram particularmente problemática quando o evento é muito técnico (pela impossibilidade de se estudar de antemão). Um lembrou que, ironicamente, quem acaba tendo que lidar mais com essa situação são os intérpretes recém-formados; irônico, pois são justamente esses os profissionais que têm menos recursos para lidar com o imprevisto, devido à limitada experiência. Também mencionaram que essa situação causa mais desgaste, e que “qualquer imprevisto ou problema ... aumenta o nível de estresse dos intérpretes”. O caso do evento de última hora é o epítome da imprevisibilidade, o que implica níveis muito elevados de estresse.

Aliás, é a natureza da atividade em si – as demandas elevadas de memória e esforço cognitivo – que fazem com que qualquer fator agravante seja experimentado com mais agudez que seria sob outras circunstâncias. A própria cabine – em especial, a adequação de seu tamanho – foi mencionada por cinco intérpretes como sendo capaz de atrapalhar sua atuação. Todas as restrições apontadas serão analisadas no próximo capítulo, junto com as respostas das outras perguntas, para caracterizar melhor as causas e fontes das inúmeras restrições que os intérpretes sentem no decorrer de sua atividade profissional.

3.3.3 Escolhas tradutórias

Os intérpretes tomam decisões tradutórias durante sua preparação, anteriormente ao evento, e também no decorrer do evento. Todos os entrevistados citaram o **material fornecido pelo cliente** como sendo a fonte principal de qualquer estudo prévio, e todos usam **Google**™ para buscar informações na Internet. As técnicas de busca citadas tiveram ligeiras diferenças, sendo a mais comum o uso do nome do cliente e o nome do produto (6), seguida pelo site do cliente (4) e sites de outras empresas ou organizações relacionadas (4). Quatro declararam que evitam tirar de textos traduzidos os termos que procuram durante a pesquisa na web. Outras fontes de terminologia citadas incluíram outros intérpretes, além de amigos e conhecidos que trabalham no ramo do evento. Apenas dois profissionais disseram que recorrem a obras de referência impressas (dicionários e enciclopédias).

Sete dos nove entrevistados procuram **tirar dúvidas com os palestrantes** e/ou participantes do evento e/ou cliente no dia do evento (antes de começar) ou anteriormente (em reunião ou via e-mail). Dois terços disseram que **anotam os**

termos usados pelos oradores e outros participantes após o início do evento, assim alterando e adequando o glossário para a linguagem específica sendo usada (“todo evento tem suas especificidades”). Um deles explicou: “levo em mente que esse glossário [preparado antes do evento] é tentativo, pois vai mudar depois de eu chegar no evento”. As fontes principais dessas mudanças, além dos próprios oradores, são os participantes no evento que dão dicas (4) e os clientes que impõem determinadas traduções (4).

A outra pessoa que influencia as escolhas tradutórias de intérpretes é o próprio **colega de cabine**. Cinco pessoas disseram que gostam de desenvolver o glossário com o colega, o que já implica uma parceria, uma troca de opiniões. Outros dois intérpretes disseram que tiram dúvidas de termos com ele antes do início do evento. Como explicou um dos informantes: “preciso afinar o vocabulário com o colega de cabine”, o que não é necessariamente tão simples, se lembrarmos que o comportamento do colega de cabine que os informantes mais refutaram foi a oferta de ajuda indesejada. Outro intérprete comentou que “quando há uma divergência de tradução entre eu e o colega, tento primeiro resolver com o colega, mas se isso não der certo, recorro ao orador”.

3.3.4 Crenças sobre interpretação

A maioria dos intérpretes demonstrou uma preocupação predominante com a recepção de sua fala pela platéia. Algumas frases típicas dos depoimentos foram: “penso mais na minha fala e como vai ser recebida pela platéia”; “minha preocupação principal é com a recepção”; e “procuro adequar minha tradução para o público”. Outros disseram que o viés pode depender do orador: “quem define como vou traduzir é o orador. Se for um orador ruim, vou pensar mais no ouvinte e vou adaptar mais”. Outro afirmou que gosta de interpretar de forma bastante livre, mas que é impedido se a velocidade da fala for muito elevada ou se o orador estiver lendo rapidamente. Diz outro: “quando o assunto é muito técnico e/ou a velocidade, alta, tento equilibrar o conteúdo e a forma, mas minha preocupação principal é com a minha produção (especialmente quando o palestrante fala mal ou não termina as frases)”.

Como este último mencionou, o assunto é outro fator que afeta a maneira de que o intérprete trabalha: “se o evento for altamente técnico e sei que a platéia vai entender, reproduzo toda a complexidade da fala do orador”. Outro colega

concorda: “se for um assunto muito técnico ..., fico muito mais preocupada com o conteúdo. Mas se o assunto for mais *light*, floreio mais para agradar ao ouvinte”. Um dos entrevistados afirmou que tenta “encontrar um equilíbrio ... [passando] todo o sentido ... e produzindo uma fala que soe naturalmente para os ouvintes”, mas ela própria acrescenta que “o foco mais na forma ou no conteúdo depende muito do assunto/tópico e as circunstâncias”.

Conteúdo cultural é uma inevitabilidade em eventos com interpretação. Dos cinco intérpretes que o mencionaram, quatro afirmaram que procuram não adaptá-lo (“eu não substituiria ‘favela’ por ‘*township*’ – não estamos na África do Sul!”). A quinta pessoa desse grupo elucidou que: “se o conceito for muito culturalmente enraizado, tento adaptar ou, se não der, traduzo literalmente e incluo uma glosa, quando dá tempo”. Três dos quatro intérpretes que disseram preferir manter as referências culturais também auxiliam a compreensão com uma glosa.

Falar “fora da vez” foi um tópico que gerou comentários por parte de cinco dos intérpretes. Um deles simplesmente explicou que passa “o máximo de conteúdo possível, sem acrescentar informações desnecessariamente à fala do orador”, e outro explicou que “não gosta de explicar o conteúdo mais que o orador”. Um afirmou que não fala diretamente com o público, já outro foi mais enfático: “o intérprete deveria traduzir e evitar comentar.... Nunca deveria ter contato direto com o público pelo *headset*. Sua fala é sempre a fala do orador”.

A maneira de lidar com os erros do orador foi mencionada por quatro respondentes. Um desses simplesmente explicou que corrige os erros que sabe identificar com segurança, já outro falou que normalmente não corrige o erro do orador, exceto quando é óbvio que foi um lapso. Entretanto, ele próprio acrescenta que nem sempre é fácil identificar o que é um erro. Um dos informantes afirmou que quando o orador se corrige, o intérprete deveria repetir o que o orador diz, nunca prefixando tal correção com uma frase como: “o orador se corrige”. Entretanto, o quarto informante declarou que quando repara que o orador se enganou com algum fato, ou o corrige ou, quando não sabe como corrigir, prefixa sua fala com uma frase, como: “o orador está dizendo...”.

Quatro intérpretes fizeram menção de aspectos da imitação de voz do orador. Para um deles, transmitir o tom de voz do orador é uma das principais considerações, e para outro, espelhar a entoação é muito importante: “tendo a quase ‘me tornar’ o orador: se ele vibrar, eu vibro”. Esse mesmo intérprete tenta

melhorar a entoação quando é monocórdia, já outros dois entrevistados disseram que não gostam de melhorar a fala, mesmo que seja muito monocórdia.

Não obstante os comentários acima mencionados sobre a não interferência por parte do intérprete, há os que procuram “melhorar” a fala do orador. Dois intérpretes disseram que terminam as frases do orador quando este não as termina. Outro acrescentou que procura preencher espaços vazios deixados pelo orador para garantir uma fala fluente. Entretanto, o processo contrário tende a ser mais comum: a necessidade de ser seletivo para com o conteúdo e forma. Um dos entrevistados falou que “enxuga” a fala do orador, e outro explicou que um dos resultados da experiência é que se “aprende o que omitir” (os aspectos redundantes e desnecessários da fala do orador), o que resulta em uma interpretação melhor. Eu entendo esse comentário como tendo a ver com outro, feito por dois dos informantes, que afirmam procurar interpretar de forma “livre” e não “ao pé da letra”, e por um terceiro, que almeja nada mais que “passar de forma adequada o recado”.

O conteúdo de aproximadamente 15 horas de entrevistas foi apresentado nesta seção. Entretanto, mesmo depois de compilados, os dados ainda não falam por si só. Como o objetivo do presente estudo é iluminar a atuação profissional de intérpretes e as dificuldades que encontram no decorrer dessa atuação, em seguida, lançarei mão dos conceitos de normas tradutórias de Gideon Toury, e de *habitus* e campo de Pierre Bourdieu, para tentar identificar as fontes das opiniões expressadas pelos intérpretes entrevistados e as motivações por trás de suas ações.